

JENNIFER NIVEN

SEM FÔLEGO

Tradução de
ISABEL VERÍSSIMO



SEM FÔLEGO
Título original: *Breathless*
© 2020, Jennifer Niven

© desta edição:
2021, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Nuvem de Tinta é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico,
fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,
difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal
como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Isabel Verissimo
Revisão: Alice Soares
Paginação: Patrícia Boleto
Capa: adaptação de Pedro Aires Pinto sobre *design* de Tito Merello

1.ª edição: Julho 2021
Depósito legal: 484763/21
ISBN: 978-989-784-302-0

Esta obra foi composta em Whitman e impressa sobre papel Lux Cream 70 g 1.8
Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

NM43020

*Para o Justin,
o verdadeiro Jeremiah Crew.
Amo-te mais do que é possível
expressar por palavras.*

Ninguém mediu jamais,
nem sequer os poetas,
quanto pode o coração aguentar.

ZELDA FITZGERALD

*Foste o meu primeiro. Não apenas no sexo,
embora o sexo fizesse parte, mas o primeiro a olhar
para lá de tudo o resto e a ver-me.*

*Alguns dos nomes e lugares foram mudados,
mas a história é verdadeira. Está tudo aqui porque
um dia será passado e não quero esquecer o que vivi,
o que pensei, o que senti, quem era. Não quero
esquecer-te.*

Acima de tudo, não quero esquecer-me de mim.

MARY GROVE, OHIO

8 DIAS PARA A FORMATURA

Abro os olhos e estou enrolada nos lençóis, com os livros de pernas para o ar no chão. Não preciso de olhar para o relógio para saber que estou atrasada. Salto da cama, com um pé ainda preso no lençol, e aterro de cara no chão. Fico caída durante um minuto. Fecho os olhos. Será que posso fingir que desmaiei e convencer a minha mãe a deixar-me faltar às aulas hoje e ficar em casa?

Está-se bem no chão.

Mas também cheira um bocado mal. Abro um olho e vejo uma coisa colada no tapete. Talvez um dos biscoitos do *Dandelion*, o meu gato. Viro a cabeça para o outro lado e está-se melhor, mas ouço uma buzina na rua, e é o meu pai.

Levanto-me e começo a despachar-me porque ele vai continuar a carregar naquela estúpida buzina, sem parar, até eu estar no carro. Não consigo encontrar um dos meus livros e um dos meus sapatos, o meu cabelo está mal e a minha roupa está mal e, basicamente, *eu* estou mal na minha própria pele. Devia ter nascido francesa. Se fosse francesa, tudo estaria bem. Seria chique e fixe e poderia ir de bicicleta para a escola, numa daquelas com um cesto. Pelo menos, saberia andar de bicicleta. Se vivesse em Paris em vez de viver em Mary Grove, Ohio, estas sabrinhas ficariam melhor com esta saia, o meu cabelo seria menos laranja-vermelhado — da cor de um tomate — e, de alguma forma, eu faria mais sentido.

Corro para o quarto dos meus pais com a saia e a parte de cima do biquíni, o preto que comprei com a Saz o mês passado

e no qual estou a pensar viver o verão inteiro. Todos os meus sutiãs estão para lavar. O roupeiro da minha mãe é limpo e arrumado, mas falta-lhe a ordem que existe no do meu pai, que é todo preto, cinzento e azul-marinho, tudo organizado por cores porque ele é daltónico e, assim, não tem de passar a vida a perguntar: «Isto é verde ou castanho?» Vasculho a prateleira de cima e depois as gavetas da cómoda à procura da camisola que quero: uma camisola *vintage* dos Nirvana em 1993. Estou sempre a roubar-lhe a camisola e ele está sempre a roubá-la de volta, mas agora não a vejo em parte alguma.

Paro à porta e grito pelo corredor, para as escadas, para a minha mãe.

— Onde está a camisola do pai, a dos Nirvana? — Decidi que é a única coisa que quero vestir hoje.

Espero dois, três, quatro, cinco segundos, e a única resposta é mais uma buzina. Corro para o meu quarto, pego na primeira camisola que vejo e visto-a, embora não a leve para a escola desde que era caloiira. Miss Piggy com brilhantes.

À porta, a minha mãe diz:

— Se a Saz não te puder trazer a casa, eu vou buscar-te. — A minha mãe é uma escritora ocupada e famosa... Romances históricos, não ficção, tudo o que está relacionado com História... mas tem sempre tempo para mim. Quando mudámos para esta casa, transformámos o quarto de hóspedes num escritório, e o meu pai passou dois dias a construir estantes do chão ao teto para ela guardar as suas centenas de livros de consulta.

A minha mãe deve ter visto alguma coisa na minha cara, porque pousa as mãos nos meus ombros e começa:

— Ei. Vai correr tudo bem. — Refere-se à minha melhor amiga, a Suzanne Bakshi (mais conhecida por Saz), e a mim, que vamos ser amigas para sempre apesar do fim do liceu e da universidade e de toda a vida que está para vir. Sinto alguma da sua calma e forte

energia pousar nos meus ombros, como um pássaro numa árvore, derreter-se nos meus braços e entrar nos meus membros e no meu sangue. Esta é uma das muitas coisas que a minha mãe faz de uma forma magistral. Faz toda a gente sentir-se melhor.

O meu pai está no carro, veste a camisola dos Radiohead por baixo de um casaco de fato, o que significa que a camisola dos Nirvana está para lavar. Tomo uma nota mental para ir buscá-la quando chegar a casa, para poder usá-la na festa desta noite.

Durante os primeiros três ou quatro minutos, não falamos, mas isso também é normal. Ao contrário da minha mãe, o meu pai e eu não somos pessoas madrugadoras e, enquanto vamos para a escola, gostamos de manter o que ele chama «silêncio sociável», uma coisa que a Saz se recusa a respeitar, e é por isso que não vou com ela.

Olho pela janela e vejo as baixas nuvens negras que se reúnem como pessoas enlutadas para os lados da universidade onde o meu pai trabalha como administrador. Não se prevê que chova, mas parece chuva, e fico preocupada com a festa do Trent Dugan. Os meus fins de semana costumam ser passados com a Saz, a andar de carro pela cidade à procura de alguma coisa para fazer, mas este vai ser diferente. A última festa oficial do ano de finalistas e tudo isso.

O meu pai passa pelo liceu, atravessa a ponte da Main Street e dirige-se para o centro de Mary Grove, que é composto por cerca de dez quarteirões de lojas dos dois lados de ruas pavimentadas com tijoleira vermelha, mais conhecidas como a Promenade. Para ruidosamente na esquina mais a ocidente, onde a rua dá lugar a calçada vermelha e a fontes. Sai do carro e corre para a pastelaria Joy Ann enquanto eu envio à Saz uma fotografia do letreiro que está por cima da porta. **Quem é a tua pessoa favorita?**

Ela responde num segundo: Tu.

Passados dois minutos, o meu pai volta a correr para o carro, os braços levantados por cima da cabeça numa ridícula dança de vitória, com um saco de papel branco numa mão. Entra no carro,

bate com a porta e entrega-me o saco cheio com as coisas do costume — um queque de chocolate para a Saz e meio quilo de bolachas de geleia para ele e para mim, que devoramos a caminho do liceu. É o nosso ritual matinal secreto desde os meus doze anos.

Enquanto como, olho para o céu cheio de nuvens.

— É capaz de chover.

O meu pai diz:

— Não vai chover.

Como uma vez disse: «Ele não te vai bater», referindo-se ao Damian Green, que ameaçou dar-me um murro na boca no terceiro ano porque eu não o deixei copiar por mim. *Ele não te vai bater* significava que, se fosse necessário, o meu pai iria à escola e esmurraria pessoalmente o Damian, porque ninguém ia fazer mal à sua filha, nem sequer um miúdo de oito anos.

— Talvez chova — digo, só para ouvir de novo o tom protetor na sua voz. É um tom que me faz lembrar de quando tinha cinco, seis, sete anos e ia para toda a parte às suas cavalitas.

— Não vai chover — afirma ele.

No primeiro tempo, Escrita Criativa, o professor Russo manda-me ficar a seguir à aula para me dizer:

— Se queres mesmo escrever, e acredito que sim, vais ter de te abrir para que nós possamos sentir o que tu sentes. Pareces estar sempre a conter-te, Claudine.

Também diz algumas coisas boas, mas é disto que me recordarei — ele acha que não consigo sentir. É engraçado como as coisas más ficam connosco e as coisas boas, por vezes, se perdem. Deixo a sua sala de aulas e digo a mim mesma que ele não faz a mínima ideia de quem sou nem do que posso fazer. Não sabe que já estou a escrever o meu primeiro romance e que um dia vou ser uma escritora famosa, que a minha mãe me deixa ajudá-la nos seus projetos de investigação desde que fiz dez anos, o mesmo ano em

que comecei a escrever histórias. Ele não sabe que sou capaz de expressar os meus sentimentos.

A caminho da terceira aula, o Shane Waller, o rapaz com quem ando há quase dois meses, encurrala-me ao pé do meu cacifo e diz:

— Vou-te buscar para a festa do Trent?

O Shane cheira bem e consegue ser engraçado quando quer, e essas — sem esquecer as minhas hormonas aos saltos — são as principais razões para estar com ele.

— Vou com a Saz — respondo-lhe. — Mas encontramos-nos lá.

O Shane não se importa nada, porque desde os meus quinze anos que o meu pai faz questão de obrigar todos os rapazes com quem saio a esperarem na rua, mesmo no meio do inverno do Ohio. Faz isso porque também já foi adolescente e sabe o que estão a pensar. E porque gosta de ter a certeza de que *eles* sabem que *ele* sabe exatamente em que estão a pensar.

— Vemo-nos lá, miúda — diz o Shane. Depois, para provar a mim mesma e ao professor Russo e a toda a gente no Liceu de Mary Grove que sou uma pessoa que vive e sente, faço uma coisa que nunca fiz... beijo-o no meio da entrada da escola.

Quando nos afastamos, ele inclina-se para mim e sinto a sua respiração no ouvido.

— Mal posso esperar. — E eu sei que ele pensa... espera... que vamos fazer sexo. Como espera há dois meses que eu decida finalmente que os meus dias de virgem chegaram ao fim e «lha dê». (As palavras são dele, não minhas. Como se, de certa forma, a minha virgindade lhe pertencesse.)

Digo isto à Saz durante o almoço e ela solta a sua tonitruante e tresloucada gargalhada, com a cabeça para trás e o cabelo escuro a baloiçar, e ergue a garrafa de água num falso brinde.

— Boa sorte para ti, Shane! — Porque ambas sabemos que só existe um rapaz em Mary Grove, Ohio, com quem quero que seja a minha primeira vez, e não é o Shane Waller. Embora eu queira convencer-me de que, um dia, ele dirá uma coisa excecionalmente engraçada e que eu vou perder-me tanto no odor do seu pescoço,

que mudarei de ideias e acabarei por dormir com ele. Só porque acho que o Shane não é o tal não significa que não *quero* que seja.

Digo uma versão disto em voz alta.

— Nunca se sabe. Ele consegue ser muito divertido.

— Até tem alguma piada — replica a Saz. Segura o cabelo... pesado, liso e a cruz da sua existência... e prende-o no alto da cabeça. Está sempre a cortá-lo e a deixá-lo crescer, a cortá-lo e a deixá-lo crescer.

— Seria muito mau se o Shane fosse o meu primeiro?

A nossa amiga Alannis Vega-Torres deixa-se cair no assento ao meu lado.

— Sim. — Desencanta um refrigerante e uma barra proteica da mala e atira dois elásticos para o cabelo à Saz. — A propósito, se o teu hímen não romper, não conta como perder a virgindade. Eu sangrei imenso da primeira vez.

— Isso não é verdade — digo-lhe. — Os hímenes não rompem. É um grande, ridículo e ignorante mito. Nem toda a gente sangra e, além disso, nem toda a gente tem hímen. Não sejas tão heteronormativa. A virgindade é uma idealização social da treta, criada pelo patriarcado. — A Saz levanta a mão e eu bato-lhe com a palma da minha. Embora acredite completamente, cem por cento, nisto, ainda assim, estou desesperada para fazer sexo. Tipo, *agora mesmo*.

A nossa outra amiga, a Mara Choi, senta-se à frente da Alannis com o casaco mal abotoado, e caem-lhe tampões e batom da mochila porque — exceto quando está na presença da sua tradicional avó coreana — vive num caos permanente. A Mara desaparece por baixo da mesa e apanha as coisas que caíram. Lá de baixo, diz:

— Facto curioso: sabiam que é possível encomendar hímenes na Internet? Há um sítio chamado Loja dos Hímenes, e eles dizem que conseguem restaurar a virgindade em cinco minutos. — Aparece, pega no telemóvel e começa logo a googlar.

— Que raio? — A Saz revira os olhos para mim: *Aquelas duas*.

Eu olho para ela, tipo, *Eu sei*, quando a Mara começa a ler o que está escrito no *website* da Loja dos Hímenes.

— Diz aqui que usam um corante medicinal vermelho que parece mesmo sangue humano. Oh, e são a «marca original e de maior confiança de hímenes artificiais».

— Que raio de coisa para serem conhecidos — diz a Saz.

— Isto não é nada — replica a Alannis. — Li algures que as miúdas na China pagam setecentos dólares para fazerem a reconstrução cirúrgica dos hímenes.

Eu paro de comer porque, apesar de ser obcecada por sexo, a ideia de que se pode pôr um preço na virgindade é, para não dizer pior, uma loucura. Digo:

— Todo este conceito é muito antiquado. Como se a única coisa importante fosse o sexo pénis-vagina. Cerca de vinte por cento dos americanos identifica-se como *outra coisa* que não completamente heterossexual, por isso, não percebo porque é que ainda estamos tão focados na primeira vez de uma *mulher* com um *homem*. E porque é que a virgindade de uma miúda é uma coisa tão importante? As pessoas não ficam excitadas com um tipo heterossexual a fazer sexo. É só palmadinhas nas costas e «Agora és um homem». Eles não ficam sentados a torcer as mãos e a procurar peças de substituição na Internet.

A Saz resmunga. Eu estou lançada.

— E mais uma coisa. Alguma vez pensaram na maneira como as pessoas falam sobre virgindade? Como se fosse propriedade de *outra* pessoa? Alguém «a tira», e de repente pertence-lhe. Como se fosse alguma coisa que damos, uma coisa que não é nossa. Ela *perdeu-a*. *Renunciou a ela*. *Tirar-lhe os três*. *Tirar-lhe a virgindade*. *Desflorar...*

— *Desflorar?* — A Mara levanta a cabeça do telemóvel e olha para mim. — Quem diz *desflorar*?

— As virgens. — A Alannis ergue as sobrancelhas muito bem arranjadas para mim. A Alannis Catalina Vega-Torres faz sexo desde o nono ano.

— Porque é que me escolhes sempre? — Aceno ostensivamente para a Saz, a minha companheira de virtude. Quando

tínhamos dez anos, a Saz e eu prometemos celebrar cada um dos acontecimentos importantes da vida ao mesmo tempo, incluindo apaixonarmo-nos e termos a nossa primeira relação a sério... que incluiria sexo, como é óbvio... para que uma de nós nunca ficasse para trás. Foi a forma de garantirmos que nos pomos sempre em primeiro lugar e nunca deixamos alguém intrrometer-se entre as duas. A Alannis bate-me no braço como se eu fosse uma pobre e confusa criança.

A Mara está de novo a olhar para o telemóvel.

— São só trinta paus para «fazer o relógio voltar para trás e trazer de novo a magia para o quarto». — E pronto. Desmanchamo-nos a rir ao ouvir isto.

A Saz canta.

— Fazer magia no quarto! — Brindamos as quatro com latas e garrafas.

Depois esquecemos completamente os hímenes artificiais e a virgindade e ficamos a olhar quando a Kristin McNish percorre a cafetaria como um anúncio de serviço público com um *timing* perfeito, com o queixo espetado e um alto inconfundível na barriga.

Em casa vasculho a pilha de roupa lavada, mas a camisola dos Nirvana não está em parte alguma. Encontro um minivestido preto no chão do meu quarto e contento-me com a camisola dos Ramones do meu pai, que visto por cima. A minha mãe e eu encomendamos jantar da Pizza King porque o meu pai tem uma coisa de trabalho e ele é o cozinheiro da família, especializado em sofisticadas refeições harmonizadas com música e vinho. A Saz adora comer na minha casa porque é quase sempre um acontecimento, mas eu adoro comer na dela. Os Bakshi comem na bancada da cozinha ou à frente da televisão — comida encomendada em restaurantes, *fast food* ou macarrão com queijo da Kraft, a melhor comida do mundo e algo que nunca como em casa a não ser que

seja eu a fazê-lo. O meu pai recusa-se a confeccionar qualquer coisa que leve queijo em pó.

Quando abro a porta ao entregador de pizzas, aquele a que a Saz chama Jake Mau, embora o seu nome seja Matthew e ele não seja mau, digo, o mais sedutoramente possível:

— Olá, tudo bem?

Ele diz:

— Não tínhamos *ginger ale*, por isso, trouxe-te *Sprite*.

Mais tarde nessa noite, estou deitada no palheiro do Trent Dugan por baixo do Shane Waller, com os sentidos em chamas, perdida no calor da sua pele e no cheiro do seu pescoço. Penso: *Talvez seja desta. Talvez a perca aqui e agora.*

É isto que adoro quando estou a curtir com alguém. A possibilidade de que possa ser desta. Luzes. Música. Amor a chover sobre todos nós. Não que eu seja muito experiente, sobretudo em comparação com a Alannis. Bati oficialmente algumas punhetas e fiz três ou quatro broches sem sucesso, tive cinco orgasmos e meio — sem contar com os que proporcionei a mim mesma — e curti com três rapazes, incluindo este.

O Shane está a beijar-me e as suas mãos estão por toda a parte — *Oh, sim, penso, aí. Que bom.* Os beijos são apenas para me agradar, porque o Shane, como muitos outros rapazes do Liceu de Mary Grove, prefere todas as coisas que não são beijar. O seu objetivo é, sempre, saltar-me para as cuecas. Eu sei isso e ele sabe isso, e vai beijar-me durante algum tempo só para chegar onde quer. E eu vou deixar porque ele é bom nisso e, ei, adoro beijar.

Além disso, a única coisa que faz é apalpar-me, mas resulta, porque ele está tão obviamente concentrado em mim que eu também começo a ficar um pouco concentrada em mim.

Penso: *Não deixes a coisa ir longe de mais*, embora esteja a ajudá-lo a desapertar as calças de ganga. E recomeçamos a beijar-nos com uma intensidade cada vez maior até eu quase esperar

que ele aspire a minha língua e a minha boca e a minha cara toda, e nesse momento quero que o faça porque o meu corpo está colado ao dele, a querer sentir mais. Sinto-me arrebatada e poderosa ao mesmo tempo. *De que estás à espera?*

O Shane tem a língua na minha orelha, mas, mesmo assim, consigo ouvir a música lá fora. Gargalhadas. Alguém a gritar alguma coisa. Num primeiro momento, estou, tipo, *Oh, céus, sim*, mas depois a língua dele está um pouco húmida de mais e ele está a encher-me o ouvido de saliva. Quero afastá-lo e sacudir a saliva, mas ele diz:

— Céus, és tão boa.

Eu não sou conhecida por ser boa, por isso beijo-o durante mais algum tempo. Porém, não consigo ignorar o facto de que estamos a curtir num celeiro. Primeiro penso: *Tudo bem, até é sensual e Oh, olha para mim*, só que já não sei bem se acredito. Imagino-me a perdê-la para o Shane Waller aqui neste palheiro, mas também imaginei muitas vezes a minha primeira vez, e nenhuma delas foi num celeiro.

Depois ele puxa-me as cuecas e os pensamentos esfumam-se, deixando-nos quase nus em cima de toda aquela palha, que se espeta na minha pele como pequenos lápis afiados. É engraçado não ter reparado na palha antes deste momento, por estar tão concentrada na sensação da minha pele contra a do Shane, nos pequenos foguetes que se multiplicam entre certas partes do meu corpo e ameaçam incendiar o palheiro. Não é a primeira vez que estou quase nua com o Shane Waller, mas é a primeira vez num celeiro. Sinto-me embriagada, embora não esteja, e uma remota parte de mim preocupa-se, porque, se consigo ficar excitada nestas circunstâncias — palha afiada a espetar-se e colegas de turma bêbedos a gritar lá fora —, é provável que acabe por dormir com demasiados rapazes na faculdade. Porque curtir é muito divertido, mesmo quando não estamos apaixonados. Às vezes, é apenas a boca dele, ou os olhos, ou as mãos, ou como funcionam em conjunto. Outras, não é preciso mais nada.

As mãos do Shane descem a pouco e pouco e a parte de mim que pensa e é responsável — a que está a guardar-se para um rapaz chamado Wyatt Jones — volta mentalmente para a palha, apenas o suficiente para se separar dele, embora o meu lado físico continue a curtir. Tento perder-me de novo nele, mas a única coisa que consigo sentir é um milhão de palhas a enterrarem-se nas minhas costas e os foguetes a apagarem-se até restar apenas fumo e um distante cheiro a queimado.

De repente, há uma coisa dura e húmida contra a minha coxa, e eu mexo-me um pouco para que ele não consiga enfiá-lo.

— Claude...

A sua voz está entaramelada, como se estivesse desconcentrado, e o meu nome soa a *Clod*, que eu odeio. Sinto-me momentaneamente mal, porque nunca foi minha intenção fazer sexo com ele. Acaba sempre da mesma forma — ele a vir-se para o ar, ou para a camisola, ou para si mesmo, ou contra a minha perna.

A Saz diz que eu me sinto segura na minha virgindade, como a Rapunzel na sua torre. Que lanço o meu cabelo apenas o suficiente porque gosto do seu brilho ao sol e de como ele cega temporariamente o pobre desgraçado que está à espera no chão, antes de o puxar de novo para cima e o deixar fora do seu alcance. Talvez me sinta segura com ela, não apenas porque estou a guardá-la para o Wyatt Jones, mas porque a minha vida é segura e a Saz e eu somos melhores amigas e eu gosto dos meus pais e não tenho nada para provar a ninguém. É o meu corpo e posso fazer com ele o que quiser.

O Shane está a olhar para mim, a revirar os olhos e a respirar cada vez mais depressa, e monta a minha perna como um cão. A sua cara está meio iluminada pela tira de lua que brilha através da porta entreaberta. Tenho de reconhecer isto: ele é muito atraente e cheira bem. E, vá-se lá saber porquê, parece gostar de mim. Tanto quanto ele percebe, eu continuo a alinhar. Não lhe pedi para parar nem o afastei. Até ele ir um pouco longe de mais na minha perna e eu dizer:

— Abranda, *cowboy*.

Ele vai contar aos amigos que eu sou uma provocadora ou que fomos até ao fim. Gostava de poder explicar-lhe que não é uma questão de provocar ou de ir até ao fim; é a possibilidade. É o quase. É o *Talvez seja desta, o Talvez ele seja o tal*. Quero dizer-lhe: *Durante alguns minutos torno-te maior do que és e sou maior do que sou, e somos maiores que este celeiro porque somos toda esta possibilidade e este quase e este talvez*.

Contudo, é impossível explicar coisas como o conceito de quase a um tipo como o Shane, por isso desvio a minha metade inferior de baixo dele e é nesse momento que ele geme e ejacula. Na parte interior da minha coxa. E é neste momento que me passo um bocado, porque juro que sinto um pouco escorrer para dentro de mim e viro-me de depressa, empurrando-o para longe.

Ele geme de novo e cai na palha. Uso a sua camisola para me limpar e, enquanto puxo para baixo o vestido, que está subido até aos ombros, e ajeito a roupa, já ouço o que vou dizer à Saz, incluindo o comentário engraçado que farei só para ela: *Ao contrário de tantos dos nossos colegas desta parvalheira, acho que não sou uma pessoa destinada a fazer a sexo em celeiros*.

Levanto-me e digo, só para fazer conversa:

— Sabias que os alemães têm uma palavra específica para os homens virgens? Um *Jüngling*. Não parece que quer dizer exatamente o oposto? — Eu sou um almanaque de trivialidades sobre virgens, acima de tudo, em situações desconfortáveis em que não sei o que dizer.

Da palha, o Shane diz:

— Sabes que mais? Tu és como uma série de caixas, sempre que abro uma, há outra lá dentro. É uma merda de uma caixa pequena dentro de outra caixa pequena, e acho que ninguém vai conseguir abri-las todas. — Levanta-se e veste as calças de ganga e a camisola húmida e amarrotada.

Olha para a mancha e eu digo:

— Desculpa.

— É a merda da camisola do Snoop Dog, Claude. — *Clod*.

— Acho que devíamos ser apenas amigos — digo. *É melhor ter demasiadas caixas do que não ter caixas suficientes*.

— Podes crer — replica ele, e deixa-me sozinha.

Encontro a Saz sentada a uma mesa de piquenique com um aspeto muito gasto, a conversar com um grupo de pessoas do qual fazem parte a Alannis e a Mara, bem como a Yvonne Brittain-Muir, música e *gamer*, e a sua namorada de há trezentos anos, a Leah Basco. Nas últimas semanas, a Saz e eu imaginámos todos os cenários possíveis em que a Yvonne acaba tudo com a Leah e professa amor eterno pela própria Saz. Ou, pelo menos, aceita fazer sexo com ela.

Um dos rapazes passa um charro pelo grupo, e outro está a contar uma longa história sobre a festa universitária onde estive no último fim-de-semana. A Leah estende a mão para a Yvonne — pálida como um fantasma ao luar, cabelo louro comprido com as pontas pintadas de azul — e dirigem-se sem pressa para o celeiro da iniquidade. A Saz fica a olhar para elas como se tivessem acabado de lhe atropelar o cão.

Eu digo-lhe:

— Queres ir embora? — Apesar de ainda não serem onze horas.

— Mais do que tudo no mundo.

Ponho o braço à sua volta e atravessamos o campo que conduz à casa e à comprida alameda de gravilha onde estacionámos. Enquanto caminhamos, canto à Saz a canção de incentivo que inventámos quando tínhamos dez anos: «Gelado, gelado, frio, frio. Vais esquecê-la fácil, fácil.»

Uma figura solitária aproxima-se de nós, e a Saz espeta os dedos nas minhas costelas enquanto diz:

— Para, sua doida, antes que alguém te oiça.

Isso só me faz cantar mais alto, e depois a figura fica iluminada pelo luar e é claro que é o Wyatt Jones. Sem mais nem menos,

esqueço a Saz e a Yvonne e o Shane e as caixas e tudo o resto que veio antes deste momento.

O Wyatt vai-se embora em breve, para o outro lado do país, para o outro lado do mundo, para a Califórnia e para miúdas de esvoaçante cabelo comprido e vestidos de verão. Um facto que o faz parecer mais alto e desligado de todos nós. A Saz e eu também devíamos ir para a Califórnia, onde eu o encontraria e o conheceria melhor, desconhecidos numa terra estranha, inicialmente ligados pelas nossas lamentáveis raízes do Centro-Oeste e depois — a pouco e pouco — dois adultos mundanos que descobrem que estão destinados a ficar juntos.

O Wyatt olha para mim e os meus ossos ficam líquidos. Dizem que ele gosta de mim. Que queria convidar-me para o baile de finalistas, mas teve demasiada vergonha. Que ele e três amigos encheram a minha casa de papel higiénico há dois meses porque, de certa forma, eu sou especial. Até o meu pai, o corredor de maratonas, os interromper e *perseguir a pé pelo bairro*. Desvio o olhar dele e fito os meus pés, porque a recordação ainda é embaraçosa.

— Oi — diz ele.

— Oi — digo eu.

Obrigo-me a olhá-lo de novo. Olhos castanho-escuros, pele castanho-clara, ombros largos, boca sorridente. Embora os meus lábios ainda estejam a latejar de todos os beijos que estava a dar *há minutos*, quero sentir as suas mãos em mim.

— Vais-te embora?

— Sim.

— É pena. — Ele sorri abertamente, um sorriso tão ofuscante como o sol, e tudo se desvanece, exceto nós dois. O pai é negro. A mãe era branca, morreu quando ele era bebé. O Wyatt não se lembra dela, mas diz sempre que a mãe lhe deu o sorriso.

Agora está a dizer outra coisa qualquer, mas as palavras são abafadas pela música, pelas gargalhadas e por alguém a gritar. Viramo-nos no mesmo instante, e é a Kayla Rosenthal, que grita

sempre nas festas. Ela está em cima da mesa de piqueniques, a rodar a bebida como um aspersor humano.

O Wyatt acena na sua direção.

— E consegui uma bolsa de estudos para Notre Dame. — Rio-me um pouco de mais. — Vieste com o Waller? — pergunta-me.

— Não, mas ele está algures por aí. — Aceno com a mão, tipo, *Não interessa*, e espero que aquelas sete palavras sugiram tudo o que ele precisa de saber: *Não me interessa onde ele está porque não significa nada para mim. És tu, Wyatt. Foste sempre tu.*

Ele acena de novo, como se estivesse a pensar nas minhas palavras.

— Parabéns por teres sido a segunda melhor do ano.

— Obrigada.

— Isso significa que fazes um dos discursos na cerimónia da formatura?

— Um mais curto, mas sim. — A Jasmine Ramundo vai falar durante dez minutos, mas eu só falo durante cinco.

— Estou ansioso para ouvir. — Sorri e depois faz uma coisa que me deixa sempre com um nó no estômago... contempla o chão, como se houvesse ali alguma coisa profunda e importante. Levanta a cabeça para me olhar. — Vais passar cá o verão?

— Sim.

— Eu também.

Estamos a olhar um para o outro, o meu rosto a ficar cada vez mais quente, e a única coisa em que consigo pensar é: *Quero que sejas o meu primeiro, Wyatt Jones. Se me convidares para ir para aquele celeiro agora, corro para lá atrás de ti e já estou nua quando chegar à porta.*

Ele tosse. Desvia o olhar. Levanta a cabeça. Sorri.

— Então, vemo-nos por aí.

— Sim, vemo-nos por aí.

Afasta-se, e a festa passa a ser apenas banal, cheia de pessoas banais, e eu sou uma delas.

— Podemos ficar.

Viro-me e pestanejo para a Saz. *De onde é que vieste?* Mas, embora queira ficar, vejo a cara dela.

— Nem penses. — Amigas primeiro. Sempre. Canto até chegarmos ao carro.

Cerca de uma hora mais tarde, estou deitada na cama a pensar no Wyatt Jones. Em todas as coisas porcas que quero que ele me faça. O meu quarto está cheio de noite, excetuando a Lua, que faz tudo brilhar.

Fecho os olhos e ainda sou eu, deitada nos lençóis de margaridas, com os calções e o *top* do pijama azul-marinho que me ofereceram no último aniversário e livros por toda a parte, porque desde os seis anos que gosto de me enterrar numa pilha deles.

Sou eu, mas, neste momento, tenho o Wyatt em cima de mim. O Wyatt Jones, com as suas pernas de futebolista e ombros de nadador e cabelo que cheira a cloro e a sol. O Wyatt Jones, com olhos que queimam quando nos olham. Ele está em cima de mim. Por baixo de mim. A sua pele na minha. A minha boca na dele.

O meu corpo está quente contra o lençol e tenho a mão onde gostaria que estivesse a dele. Dou um pontapé nos livros e eles caem no chão com estrondo. Começo a sentir comichão no nariz e coço-o. Um cabelo cai sobre a testa e sopro-o. *Raios partam.*

Respira.

Concentra-te.

Wyatt.

Wyatt.

E ali está ele de novo em toda a sua nua glória.

Wyatt.

Passado um minuto, mil pequenas agulhas começam a picar-me a pele.

Ele diz *Tens a certeza?*

Apesar de toda a beleza, o Wyatt Jones é famoso pela timidez. Quando fala, é com uma voz suave e áspera que sugere grande

ponderação. Construí uma vida interior inteira para ele na minha cabeça, uma em que ele é bondoso, solidário e sensível, mas bastante forte para pegar numa miúda — eu, especificamente — e atirá-la para cima de uma cama.

Sim, respondo. SIM.

És tu, Claude. Foste sempre tu.

Cala-te, Wyatt. Não fales mais.

As picadas de agulhas espalham-se por todo o meu corpo e o Wyatt transforma-se no rapaz que vi uma vez num avião, o que me olhou nos olhos enquanto percorria o corredor. Agora estou num avião, vestida de hospedeira — uma hospedeira cheia de estilo, das que fazem os voos de longo curso. Batom vermelho, uniforme vermelho. Ou talvez azul-marinho, porque fica melhor com o meu cabelo de palhaça. Sigo-o para a casa de banho e ele levanta-me com mãos grandes e fortes, pousa-me na pequena bancada do lavatório e eu enrosco as pernas à sua volta.

Enquanto me beija, com as mãos no meu cabelo, desvanece-se e passa a ser o Jake Mau, o entregador de pizzas. Estamos no seu *Trans Am vintage*, que cheira a piza e a cigarros, mas não me importo porque estamos a arrancar as roupas um do outro, e de repente, ele transforma-se em Mr. Darcy.

Não. Mr. Rochester. Mas eu não sou a Jane Eyre, sou eu numa espécie de fato de montar, e ele está a beijar-me à luz de velas. Estamos junto da lareira e, de repente, há um tapete de pele de urso, mas não sei bem porque há um tapete de urso. *Há um no livro?* Estou a olhar para o urso e o urso está a olhar para mim, tipo, *Sua assassina*, e é tão deprimente, que me livro do tapete e agora estamos deitados no chão, o Rochester e eu, mas está *um gelo*, porque afinal de contas Thornfield Hall é um castelo no campo da Inglaterra. O Rochester encontra um cobertor, mas é tarde de mais; mando-o embora.

E agora é o Wyatt de novo, a aproximar-se em passo lento, como faz nos corredores da escola, com os olhos pregados em mim, e é tão intenso e sério o seu olhar, que sei que *é desta*. Estamos no

quarto dele e os pais não estão em casa, as coisas abrandam tanto, que consigo ouvir a minha respiração, superficial e rápida, e quase ouço a dele quando fixa o seu olhar no meu e consigo ver tudo — ele, eu, nós — ali refletido.

Ele diz *Claude*.

Claudine?

Claudine.

Depois sinto-o. Todo. E não me importo se sou demasiado pequena ou demasiado grande em algum lado porque ele nem sequer tem de dizer *És linda*. Já está a dizer-me.

E somos o Wyatt e eu, mais perto do que alguma vez estive de alguém, e estou enroscada à volta dele e nele, e de repente respiro, *Sim!* quando todo o meu corpo se ergue da cama, salta e fica a pairar no ar, a disparar foguetes de todas as cores. Sou uma explosão de cor e fogo, e o meu quarto rodopia com luz. Um milhão de pirilampos de luz giram e cintilam à minha volta, segurando-me no ar.

Quero viver aqui em cima, rodeada por esta bruxuleante tempestade de luz. Quero que dure para sempre, mas, um por um, todos os pirilampos começam a morrer e a apagar-se. Tento apanhá-los e guardá-los, mas suave, suavemente, sinto-me flutuar de volta para a cama.

A pouco e pouco, a cama absorve-me da cabeça aos pés e eu fico mole e imóvel.

Abro os olhos, a única luz vem da Lua. Sinto o corpo pesado, muito pesado, parece que e estou a perder-me nestes lençóis de margaridas, a pensar que devia ter estudado mais para a aula do professor Callum e que não cheguei a encontrar a sapatilha do pé esquerdo e que na segunda-feira não me posso esquecer de levar a camisola verde da Alannis para lha dar. Então a minha mente passa para o Shane, para o celeiro e para a minha coxa molhada, molhada, e se um pouco entrou dentro de mim e eu ficar grávida e tiver um bebé e me casar com o Shane Waller e viver no Ohio para sempre?

A última coisa de que me lembro quando estou quase a adormecer por baixo dos lençóis de margaridas, com o pijama azul-marinho, é do Wyatt a dizer *Então, vemo-nos por aí*, o que pode significar qualquer coisa, porque, a partir de hoje, o mundo inteiro ainda é possível.